

ALFABETIZAÇÃO SIGNIFICATIVA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELATANDO UMA EXPERIÊNCIA

SIGNIFICANT LITERACY IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: REPORTING AN EXPERIENCE

Marcia Pereira Wildemberg

Mestranda no Programa de Pós – Graduação em Ensino na Educação Básica CEUNES/UFES
Professora de Educação Infantil do Município de Pedro Canário/ES - Brasil
marciawildemberg100@hotmail.com

Eixo: Alfabetização e Infância

Geovani da Silva Bayerl

Mestrando no Programa de Pós – Graduação em Ensino na Educação Básica CEUNES/UFES
Professor de Ensino Fundamental I do Município de Pedro Canário/ES - Brasil
bayerl2008@hotmail.com

Resumo: Este relato de experiência aborda a prática em uma turma de educação infantil. Trata-se de uma proposta de atividades que oportunizem situações de alfabetização significativa partindo do interesse das crianças. A prática pedagógica foi desenvolvida com crianças de 4 e 5 anos. O objetivo é de discutir sobre a alfabetização significativa na educação infantil. Pretende-se mostrar, através da prática, que é possível a aprendizagem da leitura e escrita de forma dinâmica e relevante para a vida.

Palavras chave: Educação Infantil, Alfabetização Significativa, prática pedagógica.

Abstract: This experience report discusses the practice in a nearly childhood class. It is a proposal of activities that enables situations of significant literacy that starting from the children's interest. The pedagogical practice was developed with 4 and 5 years old children. The goal is to discuss the significant literacy in early childhood education. It is intended to show, through the practice, that thereading and writing learning on a dynamic and relevant way to life is possible.

Keywords: Early Childhood Education, SignificantLiteracy, Pedagogical Practice.

1 – INTRODUÇÃO:

A experiência relatada tem como objetivo discutir sobre alfabetização significativa na educação infantil. As atividades desenvolvidas parte do interesse das próprias crianças,

cabendo a professora o papel de mediadora, propondo intervenções que auxiliem e oportunizem as crianças o desenvolvimento de atividades que propiciem o desenvolvimento intelectual das mesmas.

As atividades foram desenvolvidas em uma turma de educação infantil de uma escola pública do município de Pedro Canário, estado do Espírito Santo. As crianças tem idade entre 4 (quatro) e 5 (cinco) anos. Este relato é a possibilidade de mostrar, na prática, que a educação infantil, através de um trabalho que oportunize atividades de leitura e escrita, como aquisição de um hábito necessário para a vida, contribui de maneira imprescindível para o processo de alfabetização do individuo.

2 –REFERENCIAL TEÓRICO

O homem possui necessidade de produzir de maneira continua sua própria existência e por isso ele precisa retirar da natureza os meios de sua subsistência e assim ele transforma a natureza a fim de fazer que o mundo se torne mais humano, ou seja, um mundo constituído culturalmente. Nessa perspectiva, a escola existe para propiciar a aquisição dos instrumentos, que proporcionaram o acesso ao saber elaborado, o qual denominamos como “ciência”. Sendo pertinente que as atividades da escola básica se organizem a partir dessa questão (SAVIANI, 2008).

Cabe a escola, através do professor, proporcionar atividades que favoreçam o desenvolvimento intelectual da criança, é no meio e com a mediação do professor que a criança conseguirá adquirir conhecimentos que são necessários para o seu desenvolvimento intelectual.

Nesta perspectiva Saviani (2008, p.18) diz que:

[...] Vê-se, assim, que para existir a escola não basta a existência do saber sistematizado. É necessário viabilizar as condições de sua transmissão e assimilação. Isso implica dosá-lo e sequenciá-lo de modo que a criança passe gradativamente do seu não domínio ao seu domínio.

No processo de alfabetização também é necessário a assimilação do saber sistematizado, isso não significa que se deve ensinar de forma mecânica e descontextualizada, mas sim que pode ser prover estratégias onde a aprendizagem tornará significativa, é preciso buscar na própria necessidade humana as intencionalidades para que a aprendizagem seja significativa e enriquecedora.

Enfatiza Saviani (2008, p.18):

[...] Não é possível ser criativo sem dominar determinados mecanismos. Isso ocorre com o aprendizado nos mais diferentes níveis e com o exercício de atividades também as mais diversas.

A aprendizagem ocorrerá na aquisição do próprio *habitus*, ou seja, na medida em que o objeto de aprendizagem se torna uma espécie de segunda natureza. Adquirir *ohabitus*, representa uma situação que não se pode reverter, e este patamar é alcançado com persistência, fazendo-se necessário repetir atos específicos até perceber que foram fixados.(SAVIANI, 2008).

Os estudos realizados por Vygotsky (2007, p.140-141) constataram que:

[...] o desenvolvimento da linguagem escrita nas crianças se dá, conforme já foi descrito, pelo deslocamento do desenho de coisas para o desenho de palavras (...) na verdade, o segredo do ensino da linguagem escrita é preparar e organizar adequadamente essa transição natural. Uma vez que ela é atingida, a criança passa a dominar o princípio da linguagem escrita, e resta então, simplesmente, aperfeiçoar esse método.

A transformação do saber elaborado em saber escolar é o processo pelo qual se selecionam do conjunto do saber sistematizado os elementos que são considerados importantes para que aconteça o crescimento intelectual dos alunos, sendo assim, há a necessidade de uma organização que possua sequencia e favoreça a assimilação do que está sendo ensinado. Saviani (2008, p.78) ressalta:

[...] O saber é produzido socialmente e, portanto, não cabe falar em saber acabado. A produção do saber é histórica, portanto não é obra de cada geração independentemente das demais [...] é um saber suscetível de transformação, mas sua própria transformação depende de alguma forma de domínio deste saber pelos agentes sociais.

O que Saviani (2008) quis traduzir com a expressão *Pedagogia Histórico-Crítica* foi seu empenho em compreender a questão educacional com base no desenvolvimento histórico, portanto, a concepção pressuposta em sua visão da pedagogia histórico-crítica é o materialismo histórico, ou seja, a compreensão histórica a partir do desenvolvimento material, da determinação das condições materiais da existência humana.

De acordo com Vygotsky (2007) antes mesmo de controlar o comportamento, a criança começa a controlar o ambiente com a ajuda da fala. Isso produz novas relações com o ambiente, além de uma nova organização do próprio comportamento. A criação dessas formas caracteristicamente humanas de comportamento produz, mais tarde, o intelecto e constitui a base do trabalho produtivo, que é justamente a forma especificamente humana do uso de instrumentos.

Na pesquisa de Vygotsky (2007) ele busca entender o papel comportamental do signo em tudo aquilo que ele tem de característico, motivando assim a busca de estudos

empíricos para saber como o uso dos instrumentos e signo estão mutuamente ligados, mesmo que separados, no desenvolvimento cultural da criança. Em seus estudos acerca do *Pensamento e Linguagem*, Vygotsky (2000) discute acerca do desenvolvimento do pensamento e sua inter-relação com o domínio da palavra. Nos animais o pensamento e a linguagem têm várias raízes e desenvolvem-se segundo diferentes trajetórias de desenvolvimento, nesta pesquisa cita estudos que tratam de evidências acerca da utilização de instrumentos pelos macacos, menciona também outros estudos que fazem comparações acerca do comportamento de macacos com o comportamento de crianças em determinada idade.

Essa forma de compreender o comportamento dos animais colabora para o entendimento da inteligência prática das crianças, sendo o uso dos instrumentos. Dessa forma as funções psicológicas são afetadas através da relação existente entre o uso do instrumento e da fala. Portanto, o desenvolvimento da percepção, das operações sensório-motoras e da atenção, compreende um sistema dinâmico de comportamento que dependem das interações que ocorrem do sujeito consigo mesmo, com os outros e com o meio.

De acordo com os estudos feitos por Vygotsky, os fatos sugerem que, tendo como base o ponto de vista acerca do desenvolvimento psicológico, muito mais do que o pensamento abstrato, a memória é a principal característica que nos leva a acreditar que dela depende o desenvolvimento cognitivo. Através dos signos os seres humanos são capazes de fazer um uso eficiente da memória, pois para agir é preciso lembrar, pensar sobre o assunto e assim fazer uso da informação transformando – a em determinada ação necessária que irá representar de forma específica um comportamento humano e assim dialeticamente o homem constrói sua história enquanto espécie e enquanto indivíduo.

A reconstrução interna de uma operação externa foi chamada por Vygotsky de internalização. Ainda que transformado, o processo continua a existir e a mudar como forma externa de uma atividade até que a internalização aconteça de maneira definitiva.

Nesse sentido nas palavras de Vygotsky (2007, p.58):

A internalização de formas culturais de comportamento envolve a reconstrução da atividade psicológica tendo como base as operações com signos. Os processos psicológicos, tal como aparecem nos animais, realmente deixam de existir, são incorporados nesse sistema de comportamento e são culturalmente reconstituídos e desenvolvidos para formar uma nova entidade psicológica. O uso de signos externos é também reconstituído radicalmente [...].

Diante da abordagem exposta percebe-se a necessidade de oportunizar a criança desde cedo o contato com um ambiente que seja alfabetizador e ao mesmo tempo desafiador, nesse sentido atividades que envolvam a escrita espontânea e escrita coletiva partindo das necessidades das crianças propiciará o crescimento intelectual em relação ao mundo letrado. É de extrema importância o papel do professor enquanto mediador, que irá saber aproveitar os momentos oportunos, sem deixar se prender na “rigidez” de um planejamento. É necessário, portanto que o professor tenha consciência de seu papel enquanto facilitador e mediador.

Freire (2007) no livro *A Paixão de Conhecer o Mundo*, faz os relatos referentes aos anos de 1978 quando trabalhou na Escola Criarte e 1981 quando participou da equipe da Escola da Vila, a autora relata que a princípio ficou presa a descrever objetivos e o eixo do trabalho, sendo que este fato corresponde ao período que trabalhava na Escola Criarte, no entanto, a partir do terceiro relatório percebemos uma escrita que demonstra relatos de atividades mais dinâmicas, como disse a própria autora: “[...] A escola em geral tem essa prática, a de que o conhecimento pode ser doado, impedindo que a criança e, também, os professores o construam [...]”.

No relatório referente ao ano de 1978, a autora deixa claro que é importante salientar que de forma alguma a rotina é vivida de maneira rígida, inflexível, durante o decorrer do dia e que as crianças ou a professora podem propor mudanças que estejam dentro ou não da rotina. E é com essa forma de encaminhamento do trabalho pedagógico que através dos relatos percebemos que as atividades são propostas de forma espontânea, propostas surgem por parte das crianças que colaboram para a organização de sua própria aprendizagem, conforme descreve Freire (2007, p.30):

A esta altura, o meu papel de professora já era outro bem distinto ao do início do nosso trabalho. A figura catalisadora, que foi necessária no início, já perdia sua função, dando lugar a uma professora-organizadora das atividades, sistematizando, através destas, a prática espontânea das crianças.

De acordo com essa perspectiva de ensino, refletimos sobre a prática que seria realmente enriquecedora nos espaços de educação infantil, uma prática que oportuniza as crianças serem protagonistas de sua própria aprendizagem e do seu crescimento intelectual e assim colaboradora de uma alfabetização que seja realmente significativa para as crianças dessa faixa-etária.

Conforme dito por Freire (2007, p. 77):

O planejamento das atividades se faz e se refaz, dinamicamente, na prática, juntamente com elas. É por isso que muitas vezes nos detivemos no estudo de assuntos considerados pela programação oficial (que sempre precede a prática), como sendo próprios dos outros níveis de ensino. Estipula-se de antemão o que a criança deve conhecer e inclusive o como, matando, assim, a criação do professor.

3 – RESULTADOS:

Estávamos iniciando um dia comum de aula, ou parecia que seria um dia comum, com uma rotina organizada de acordo com o que se era previsto acontecer.

As crianças foram recepcionadas na chegada como era de costume, na porta da sala de aula, sendo cumprimentadas com um boa tarde, abraços e beijos como sempre faço, acredito que a acolhida faz a diferença no restante do dia. Após esse período de acolhida, convidei as crianças para irmos pro fundo da sala, onde costumamos fazer a “roda-de-conversa” e depois trabalhos com os cartazes que fazem parte da rotina diária.

No momento da roda-de-conversa as crianças geralmente contam algo e sempre uma ou outra possuem uma novidade. Nesse dia a aluna Jullya pediu a palavra dizendo:

***Jullya:** - Quero falar algo pra todo mundo!*

***Professora/Pesquisadora:** - Sim, pode falar, estamos todos ouvindo.*

***Jullya:** É que amanhã eu não vou mais estudar com meus coleguinhas, porque a minha mãe disse que esse horário ta muito ruim pra ela, está atrapalhando ela chegar no horário dela no trabalho.*

***Professora/Pesquisadora:** Poxa! Que pena! Vamos sentir sua falta, mas avisa sua mãe que ela precisa vir a escola para falar comigo e também na secretaria e resolver tudo certinho.*

***Jullya:** Sim professora, a minha mãe vem hoje.*

Nesse momento a Ayandra, uma outra aluna, disse:

***Ayandra:** Também sentirei muita saudade de Jullya.*

Percebia-se no rosto da criança a expressão de tristeza e naquele momento foi como se um silêncio imenso adentrasse a sala , fiquei ali observando naquelas crianças um sentimento

tão profundo e ao mesmo tempo pensando, como pessoas tão pequenas poderiam demonstrar de forma tão intensa o que estavam sentindo?

De repente todas as outras crianças começaram a falar a mesma coisa, que sentiriam saudades da colega. Até o momento em que um aluno perguntou: - Qual história vamos ouvir hoje?

Professora/Pesquisadora: *Vamos primeiro escolher o ajudante do dia?*

Eles concordaram. Escolhemos o ajudante, que fez a chamada, e depois com a ajuda de todos marcou no calendário o dia da semana e do mês em que estávamos e depois como estava o tempo, assim se seguiu.

Quase ao final da tarde, perto do horário dos pais chegarem, novamente a aluna Jullya veio me pedir que queria falar com todos os coleguinhas, eu pedi que todos se sentassem novamente ao fundo da sala e que eles ouvissem o que a Jullya iria falar. Ela então começou de forma surpreendente a se despedir dos colegas dizendo que ela no outro dia não iria vê-los, mas queria que todos soubessem que sentiria muita falta de todos. O sentimento transmitido na fala era tão intenso, tão verdadeiro que precisei me segurar para não chorar naquele momento. Jullya ficou de pé e assim cada coleguinha veio lhe dá um abraço, apenas um disse que não queria abraçar e sua decisão foi respeitada. Os pais então chegaram, despedi-me das crianças como de costume dizendo a cada um: - Amanhã te espero!

No outro dia as crianças já foram chegando falando que estavam com saudades de Jullya. Trabalhamos a rotina como de costume e desde a semana anterior havíamos combinado que aquele dia seria para fazer pintura com tinta “guache”. Organizamos o material para pintura e as crianças ficaram apressadas em ajudar para que tudo ficasse pronto rápido e elas pudessem logo começar a usar o papel, o pincel e a tinta.

Quando tudo já estava pronto, foi o momento da Ludimila falar:

Ludimila: *Quero pintar um desenho para Jullya!*

E as outras crianças também quiseram fazer seus desenhos para Jullya.

E eu então perguntei:

Professora/Pesquisadora: *Mas como vamos entregar os desenhos para Jullya?*

O aluno Thales disse:

Thales: *Vamos colocar pra secar e depois entregamos.*

Novamente eu questionei:

Professora/Pesquisadora: Mas nós não sabemos onde fica a casa dela, e não podemos deixar só o desenho, ela precisa saber que é pra ela, como faremos?

Foi aí que João Victor falou:

João Victor: Vamos escrever pra ela tia! Jullya, estamos com saudade de você!

Eles pintaram e depois combinamos de fazer uma carta. Eu escreveria no quadro e eles iriam olhar e tentar escrever. Todos concordaram.



Fig. 1: Turma produzindo o desenho para Jullya.

No primeiro momento as pinturas foram feitas e postas para secar no varal e depois escrevi no quadro de acordo a sugestão do aluno. O aluno Thales sugeriu que fosse feito um envelope e assim fizemos.



Fig. 2: Cartas confeccionadas pela turma.

Procurei saber com a diretora da escola em que sala nossa coleguinha Jullya estaria e ela me respondeu que ela ficaria estudando pela manhã na mesma sala, foi ai que junto com a turma combinei que deixaríamos a carta de Jullya fixada no quadro e assim no outro dia ela chegaria e teria uma agradável surpresa.

4 –DISCUSSÃO:

De acordo com Wallon (1989) o desenvolvimento da inteligência depende de um ambiente que ofereça experiências desafiadoras, no entanto, é imprescindível a mediação apropriada para que a criança seja instigada a buscar e superar suas dificuldades e assim avance nos estágios.

É necessário, portanto, proporcionar as crianças da educação infantil oportunidades de desenvolvimento intelectual, tendo em vista, a utilização de atividades que não sejam simplesmente mecanizadas, mas que representem um grau de importância para elas, só assim a internalização de conceitos que serão essências poderão ser assimilados e irão colaborar no seu desenvolvimento psíquico.

Segundo Wallon (2007, p.34):

(...) É do meio que depende o sistema linguístico que a criança aprende a usar. Esse sistema, aliás, pode não ser único, e, quando vários se desenvolvem no mesmo indivíduo, suas relações podem ser psicologicamente muito diferentes: perfeita equivalência, ou referência de todos a um deles, que então é o único a estar em ligação imediata com as intenções e o pensamento. Em suma, fórmulas muito semelhantes podem servir de expressão para atividades psíquicas de níveis muito diversos, segundo as circunstâncias, segundo as disposições ou as possibilidades mentais do sujeito e também segundo a idade da criança.

É na origem das representações, que Vygotsky, nos remete à criação e ao uso de instrumentos e de signos externos que funcionaram como mediadores da atividade humana. Esclarece nos Oliveira (1993, p.36):

Os sistemas de representação da realidade – e a linguagem é o sistema simbólico básico de todos os grupos humanos – são, portanto, socialmente dados. É o grupo cultural onde o indivíduo se desenvolve que lhe fornece formas de perceber e organizar o real, as quais vão constituir os instrumentos psicológicos que fazem a mediação entre o indivíduo e o mundo.

As formas de comportamento fornecidas pela cultura fazem com que no processo de desenvolvimento individual, aconteça uma transformação das atividades externas e interpessoais em atividades internas, intra-psicológicas.

Através de atividades que proporcionaram a oportunidade de expressarem-se as crianças puderam assimilar conceitos importantes sobre o uso da linguagem e também da

escrita. Além de colaborar para o desenvolvimento da linguagem e do pensamento, as atividades foram vivenciadas de maneira que as próprias crianças puderam por em prática suas ideias, sendo também promotoras de sua própria aprendizagem.

Em relação a origem das funções psicológicas superiores, é necessário que se busque explicações nas relações sociais entre o individuo e os outros homens. De acordo com Vygotsky o funcionamento psicológico humano é social e, portanto, também é histórico. A relação que existe entre o homem e o mundo é mediada por instrumentos, signos e por todos os outros elementos do ambiente humano que possuem um significado cultural.

Tomando como base esse perspectiva, consideramos que ao observar que o que se fala pode ser escrito, a criança estará assimilando conceitos fundamentais sobre a função social da escrita e assim tendo a compreensão da real utilidade da mesma.

5 – CONCLUSÃO:

A experiência relatada é a descrição de uma atividade que talvez para alguns seja simplória demais. Mas em nossa prática diária, infelizmente o que temos percebido é uma maior intensidade do uso de atividades mecanizadas, de treino motor apenas.

Por isso, queremos chamar atenção para a necessidade do desenvolvimento de atividades que emanem do desejo das crianças, do seu real interesse, pois só assim poderá propiciar as crianças da educação infantil o desenvolvimento intelectual que lhe proporcionará fundamentar suas bases psicológicas, contribuindo para que os avanços dos estágios aconteçam de forma dinâmica, alegre e que viabilizem o desenvolvimento da criatividade, lhe proporcionando também internalizações de conceitos básicos que funcionarão como “âncoras” para futuras aprendizagens.

Na prática pedagógica que foi desenvolvida, o interesse das crianças era nítido, mesmo as que falaram que não sabiam escrever, tiveram o desejo de tentar e fizeram da forma que conseguiram fazer, apenas isso.

A partir da análise de uma prática pedagógica comum, percebem-se vastas possibilidades de intervenções que são possíveis e que contribuem para que ocorram avanços no processo de alfabetização.

É propício ressaltar que não estou falando em nenhum momento de obrigatoriedade de se alfabetizar crianças na educação infantil, a discussão pretende enfatizar acerca da

contribuição dessa modalidade de ensino para um processo de alfabetização significativa, que faça sentido, que seja relevante, que estimule a criança a ter o desejo de aprimorar sua aprendizagem.

REFERÊNCIAS:

FREIRE, M. **A paixão de conhecer o mundo**: relato de uma professora. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

OLIVEIRA, M.K.de. **VYGOTSKY**: Aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico. São Paulo, Scipione, 1993.

SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico – Crítica**. 10ª ed. rev. Campinas, SP: autores associados, 2008.

VIGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. 7ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WALLON, H. **A Evolução Psicológica da Criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.